

# Introdução

Este livro aborda os chamados “sete pecados capitais”, como a Igreja Católica há muito tempo os define. Mas a expressão é enganosa, pois, segundo a teologia católica, pecado capital é aquele pecado consciente, deliberado e grave. No entanto, o conceito, que vigora desde a Idade Média, é perigoso e ameaça a vida de muita gente ainda hoje.

É por isso que Bernd Deininger, como psicanalista, e eu, como monge, abordamos essas ameaças; um pelo lado psicológico e o outro pelo lado espiritual. O psicanalista frequentemente as vê como questões existenciais e falta de maturidade, naturalmente fora do viés dos pecados capitais; ele mostra como elas colocam em risco a humanidade e como podem causar doenças.

Eu, como monge, parto da tradição dos monges antigos. Nela encontramos um livro chamado *Os nove logismoi*, do Monge Evágrio Pôntico, que faz referência a pensamentos associados a emoções (*logismoi*); paixões com as quais lidamos e que devemos vencer. Evágrio não classifica os *logismoi*; ele sabia que eles têm poderes positivos que, no caso, os monges devem extrair, mas que, também, podem dominá-lo. Neste caso, esses *logismoi* se tornam demônios porque atuam como *patrões*, em vez de *servidores* dos monges, sendo que a luta com tais demônios era um fator básico

da vida espiritual dos monges antigos. Eles não observavam os demônios como entidades pessoais estranhas e malignas – como costumamos vê-los em filmes e livros de ficção –, mas como paixões que deveriam ser vencidas. Eles não responsabilizam tais demônios por seus problemas – como muitos fazem hoje, procurando pessoas que possam exorcizá-los –, mas assumiam a responsabilidade pelos próprios pensamentos e paixões; assumiam a própria luta. Tendo em vista que para lutar com alguém ou algo é preciso identificá-lo, os monges classificavam esses demônios de *logismoi* (paixões). No entanto, não os consideravam obsessões, como se faz hoje, no sentido de responsabilizar outros seres pelo próprio estado mental.

Mais conhecida do que sua Doutrina dos nove *logismoi*, a Doutrina dos oito vícios é descrita por Evágrio em seu livro *Praktikos*. Nele, os *logismoi* são descritos como paixões e emoções, e não a vícios.

A palavra vício (*Laster* em alemão) significava originalmente “insulto, vergonha, culpa, erro, defeito”. No século XVI seu significado passou a ser “pecado comum, hábito vergonhoso e repreensível”, o que distoia com o que Evágrio descreve em seu livro *Praktikos*. Para ele, o importante não é o ser humano trazer em si os *logismoi*, mas como ele os trata e domina. Nos *logismoi* – ou seja, nas paixões – há uma força, um poder que deve ser usado pelo monge. O objetivo dessa luta é a libertação do apego patológico aos *pathe*; isto é, às paixões. Trata-se, portanto, de um comando interno para a purificação das emoções que atormentam o pensamento.

Mais tarde, os ensinamentos ascéticos de Evágrio foram reinterpretados como a Doutrina dos sete pecados capitais, o que soa muito mais dogmático do que a descrição mais psicológica dos *logismoi*. Evágrio simplesmente observa os pensamentos e as emoções que surgem na alma: “Se alguém quiser conhecer seus demônios e se familiarizar com suas manias, eu o aconselho a observar seus pensamentos, prestando atenção à sua intensidade e diminuição; quando surgem e cessam; à sua diversidade e frequência;

àquilo que os causam, substituem ou mantêm. Depois disso, pedir a Cristo que lhe explique tudo isso” (PONTICUS, 1986: 50). John Eudes Bamberger, abade trapista e psicanalista, interpreta essa observação da seguinte forma: “Os termos citados acima, exceto a referência aos demônios, podem servir como indicação prática àqueles que trabalham com psicologia clínica. São abordagens dinâmicas da psicanálise, enfatizando a observação cuidadosa dos pensamentos mais secretos e automáticos, a forma como surgem e desaparecem, o que os conecta e como interagem entre si” (In: PONTICUS, 1986: 32s.).

Neste livro analisamos os sete pecados capitais a partir de Evágrio, um homem em perigo e sob a ameaça das paixões que querem dominá-lo. Mas também vendo nelas uma força que não deverá ser suprimida; devemos “tirar delas e dar a elas, de modo que se tornem mais confiáveis”, já dizia um monge antigo. É nesse sentido que observaremos os sete pecados capitais.

Primeiramente, Bernd Deininger descreverá a questão à luz da psicanálise, citando estudos de caso para demonstrar como ela poderá ser abordada, transformando sua força negativa em poder que dá vida. Em seguida, farei uma abordagem sob o viés espiritual.

O tema dos sete pecados capitais é tão emocionante que chegou a ser destacado nas artes. A título de exemplo, cito uma sequência de oito litografias de Alfred Kubin (1914), uma série de 16 folhas de Marc Chagall (1925) e uma obra de Otto Dix (1933). Na primeira metade do século XX era considerado tema atualíssimo, pois os artistas sentiam que os sete pecados capitais ameaçavam a vida em sociedade. Ultimamente ocorreram várias exposições dessas obras, desde Dürer até Naumann. Destaco o quadro *Os sete pecados capitais*, de Hieronymus Bosch, pintado em 1505 em forma de mesa. Para cada pecado Bosch fez uso de símbolos e associações vinculados aos pecados capitais a partir da Idade Média.

*Anselm Grün*